

MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CULTURA MATERIAL: ASPECTOS DO GRUPO SOCIAL DOS VETERANOS DE GUERRA EM DESAPARECIMENTO NA CIDADE DE BELÉM DO PARÁ

MEMORY, HERITAGE, AND MATERIAL CULTURE: ASPECTS OF THE DECLINING SOCIAL GROUP OF WAR VETERANS IN THE CITY OF BELÉM DO PARÁ

LUCAS CARNEVALE MACHADO¹
Universidade Federal do Pará

Resumo: Neste artigo, discutiremos as diferentes construções sobre o grupo social expedicionário, abordando as diferentes formas de produção deste patrimônio pelos agentes da memória, somada aos arcabouços teóricos necessários para entender as dinâmicas das atas e suas reuniões internas. Arelado a essas questões, será discutido o processo de abandono da instituição que levou a deterioração do prédio associativo e de seu acervo histórico e administrativo, apresentando as diversas questões no processo de construção e destruição desse patrimônio material dos veteranos.

Abstract: In this paper, we will discuss the different constructions about the expeditionary social group, approaching different ways of production of this heritage by the memory's agents, added to the theoretical frameworks necessary to understand the minute's dynamics and their internal meetings. Linked to these questions, will be discussed the abandonment process of the institution that culminated in associative building and their historic and managerial collection deterioration, showing many matters in the construction process and destruction of this material heritage of veterans.

¹ Mestrando em Ciências do Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Licenciado em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e em Políticas Públicas e Segurança pela Faculdade Focus (FOCUS). Orcid: 0000-0001-7732-5784. Lmachado1097@gmail.com.

Palavras Chave: patrimônio **Keywords:** material heritage, social material, identidade social, identity, war veterans. veteranos de guerra

INTRODUÇÃO

O grupo social dos veteranos da II guerra mundial (1939 – 1945), composto pelos militares de carreira e conscritos mobilizados para atuar nas três forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), cujas operações de serviço são registradas tanto no teatro de operações do Mediterrâneo, lutando contra as tropas fascistas da Itália e contra as tropas de ocupação da Alemanha nazista que estavam presentes na península; somadas as operações aeronavais no atlântico sul, contra os *U-boats* do eixo, e a mobilização de quadros do exército para a vigilância do litoral brasileiro, operando as metralhadoras antiaéreas, assim como a defesa das bases aéreas estadunidenses que compunham o *Trampolim da Vitória*, uma rota aérea dos Estados Unidos até a cidade africana de Dakar.

Estes veteranos organizaram-se posteriormente em várias instituições com o objetivo de serem a representação jurídica desse grupo social, orbitando os grupos de poder em busca dos direitos dos veteranos e da preservação da memória expedicionária como um todo. Dessa forma, surge em 1946, as Associações de Ex-combatentes do Brasil (AECB), divididas em várias seções estaduais, dando base aos veteranos de guerra brasileiros.

De 1946 a 2010, A Associação de Ex-combatentes do Brasil no Pará (AECB-PA) construiu um imenso aporte documental que apresenta diversas visões e narrativas sobre esses processos de luta política e social, construindo um acervo que conta com documentos avulsos e encadernados, tanto administrativos, quanto de valor histórico e cultural para esse grupo.

Após o ano de 2010, essas produções passaram por um processo de destruição e exposição a processos destrutivos, seja de ordem química ou biológica, ou de ações humanas intencionais. Em 2014, a instituição foi trancada, tendo

internamente seu acervo documental e seus itens históricos e administrativos, sofrendo processo de invasão por moradores de rua e causando a perda desse material.

De 2017 em diante, a documentação foi sendo tratada e organizada para retomar seu papel social, apresentando os rastros dessa produção, limitados ao que restou dos documentos e da estrutura associativa. Desde então, esse conjunto documental permite uma grande possibilidade de pesquisas atreladas ao tema, tal como a análise dos processos de deterioração recorrentes dos anos de abandono, submetidos aos saques, roubos, contaminação biológica, etc.

Esses rastros precisam ser analisados de maneira mais aprofundada, apresentando o contexto material e imaterial desse grupo. Ainda que a Ata de reunião seja um documento bastante resumido por si só, suas informações, sua forma de produzir essa memória acaba por mostrar as nuances que levaram a construção desse patrimônio material, preservando em conteúdo apenas o que era visto por eles como necessário.

Dessa forma, os aspectos teóricos sobre esse patrimônio e sobre esse grupo social são necessários para entender os rastros da materialidade, para além das atas, compreendendo sua luta para serem reintegrados à sociedade civil paraense e o posterior abandono e esquecimento desse espaço e desse grupo.

Cabe problematizar sua aproximação junto dos grupos militares acabou os ligando de maneira quase permanente a esse segmento social, apesar disso, os rastros dessa memória quebram essa visão de dependência, apresentando as diferentes iniciativas e as ligações entre esse grupo e as outras instituições.

Os documentos que sobraram, dão panoramas interessantes sobre as discussões levantadas pelos ex-combatentes de acordo com o contexto nacional e internacional, sobre os mecanismos de auxílio aos veteranos e sobre questões políticas e sociais da época. Dentro do patrimônio expedicionário objeto da pesquisa, há a possibilidade de seguir com algumas linhas de discussão sobre sua origem e seus círculos de atuação individual e coletiva: Na primeira, temos a origem desse grupo cuja identidade foi forjada dentro das Forças Armadas do Brasil, somada a situação de combate enfrentada por parte considerável dos seus membros (na Itália ou no Atlântico).

A segunda possibilidade de abordagem discute a relação desse grupo com a sociedade que viu o conflito a distância, e sua interação tanto nas discussões internas nas associações, como nas demandas e protestos feitos à sociedade para o cumprimento dos direitos estabelecidos pelo estado brasileiro. Nessa linha de discussão temos a evidência das variadas formas escolhidas de abordagem institucional da AECB com a sociedade em que estava inserida. Cabe a discussão do professor Francisco Ferraz (2013), no qual levantou as alternativas dos veteranos do imediato pós-guerra para solicitar suas demandas, de maneira que junto dessas lutas, surgiam visões políticas e sociais bastante divergentes entre seus membros, abrindo um conflito interno que duraria até os primeiros anos da década de 1950.

Nesse conflito as alternativas caminhavam para as seguintes discussões: A noção de que era um dever do ex-combatente e do militar veterano de guerra atuar em questões políticas de interesse local ou nacional, incentivando o alcance das demandas sociais através da luta política e do conflito com lideranças constituídas dos poderes executivo e legislativo, sendo essa linha abraçada pelos ramos nacionalista e comunista das forças armadas. A outra abordagem era de linha mais conciliatória, de maneira que as associações e os veteranos não deveriam interferir na ordem política, ou tomar partidos entre um lado ou outro, organizando através de solicitações institucionais o cumprimento das demandas prometidas aos veteranos e os familiares dependentes desses conscritos (Ferraz, 2013).

Na Associação paraense esse conflito marcou os primeiros anos e a primeira gestão da AECB-PA, de forma que o presidente eleito foi um líder estudantil comunista, o Santareno Cléo Bernardo de Macambira Braga, atuando de 1946 a 1949. O período é discutido por dois documentos históricos: O Livro de Atas da Fundação da AECB, e a obra memorialística do ex-combatente Antônio Batista de Miranda (1998). Nesta última, o autor relata que houve uma tentativa de transformar a AECB em um grupo de luta política voltada à esquerda, e que esse grupo foi derrotado na eleição geral de 1949, ressaltando a vitória através do lema institucional “*Liberdade e Democracia*” (Miranda, 1998, p.88).

No livro de atas, há o relato de uma iniciativa dos veteranos de apoiar um candidato ao governo do estado, o General Zacarias de Assunção, devido ao fato de ser militar e por proximidades ideológicas com o candidato. A presidência da AECB embargou a iniciativa, ressaltando que os expedicionários tinham total liberdade para participarem de discussões políticas, desde que fosse de maneira individual, preservando o nome da associação e do grupo social expedicionário, mostrando de uma vez por todas que a AECB-PA tinha tomado o caminho conciliatório, evitando o conflito com os grupos políticos divergentes no poder executivo e legislativo do Pará (*Livro de Atas de Diretoria*, 1949).

A MEMÓRIA COLETIVA E SEUS ELEMENTOS ATRELADOS A IDENTIDADE EXPEDICIONÁRIA

Um importante autor para compreender elementos ligados a memória coletiva é Michael Pollak, especialmente o texto *Memória, esquecimento e silêncio*, em que são discutidas visões sobre a memória de determinados grupos que passaram por experiências traumáticas na II Guerra mundial, de maneira que suas visões, informações e as lembranças sobre esse período, apresentam elementos em comum, com uma noção de pertencimento e um silenciamento voluntário em muitas vezes. Dessa forma, Pollak apresenta que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra. Como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis (Pollak, 1989, p.10).

Os veteranos de guerra, em suas discussões sobre memória coletiva, apresentam muitas questões referentes aos traumas e as diferentes situações no qual os conscritos passam no

campo de batalha. Na pesquisa de Alistair Thompson, sobre os soldados Australianos na I Guerra Mundial (ANZAC'S), aborda suas narrativas através da história oral, captando elementos implícitos sobre esse silenciamento e os traumas, e as maneiras que encontraram para lidar com esses impactos (Thompson, 1998, p. 293).

Com um dos entrevistados, Thompson buscou compreender mais profundamente essa relação entre trauma e esquecimento intencional. Na passagem citada pelo entrevistado, sua fala apresenta as formas no qual essas lembranças traumáticas vêm à tona nestes sujeitos, de forma que é impossível sua superação imediata “Como uma Cicatriz”, mas como um elemento no qual ele teria que conviver para toda a existência, cabendo ao entrevistado a capacidade de se acostumar e aos poucos, a memória apresenta-se de maneira mais branda, tornando a mais tragável para si (Thompson, 1998, p. 293).

No caso dos veteranos paraenses, um conjunto de fatores acabou diminuindo a amplitude dessa pesquisa na região. Durante o século XX, os veteranos produziam as informações e os temas sobre a atuação nos campos de batalha italianos, e concentravam sua produção internamente nos grupos sociais de veteranos. Uma das primeiras produções sobre os veteranos de guerra paraenses e a imersão da capital paraense no conflito veio com o livro de Antônio Batista de Miranda, *Guerra, Memórias, Destino, de* maneira que sua leitura pessoal apresentava constantes ligações com pontos chaves do conflito na Europa e no Brasil (Miranda, 1998).

Além de suas memórias, o livro apresenta uma lista nominal com as unidades da Amazônia que contribuíram para o esforço de guerra brasileiro no litoral e na Itália. A base de pesquisa sobre esse tema expandiu-se após a década de 2010, com um levantamento realizado pelo pessoal de Medicina da UFPA, que acabou encontrando um número considerável de veteranos que tinham vontade de falar sobre a guerra e suas experiências no conflito.

A pesquisa do professor Dr. Hilton Pereira da Silva resultou na construção do livro e do documentário *Por terra, céu e mar: História da participação amazônica na II Guerra mundial*, no qual foram apresentadas entrevistas com veteranos paraenses

das três forças armadas, apresentando as visões do front, as angústias do conflito, e outras visões e problemáticas do conflito no Brasil e na Europa.

Infelizmente, ao início desta pesquisa (Janeiro de 2021), havia em todo estado do Pará apenas dois veteranos de guerra vivos, ambos próximos a casa dos cem anos de idade e impossibilitados de realizar uma entrevista oral por suas condições de saúde específicas. Ainda assim, sua produção material restante, permitiu uma análise considerável das suas relações sociais do pós-guerra, apresentando elementos comuns aos esquecimentos intencionais dos grupos já citados, mas também dinâmicas próprias dos veteranos daqui referentes às dificuldades de aproximação desse grupo com a sociedade, resultando um isolamento implícito destes com a sociedade civil, contribuindo para o esquecimento e abandono dessa produção cultural desses veteranos.

Devido ao pequeno contingente do estado formado para combater na Itália, somado ao processo de abandono da associação na capital paraense, acabou resultando em uma grande limitação na quantidade de fontes e acervos documentais em Belém e no Pará como um todo. O acervo da AECB-PA tomando ainda mais importância para a sociedade devido às informações concentradas sobre esse grupo social em específico, permitindo que historiadores, cronistas, jornalistas e outros pesquisadores de variadas áreas possam estudar através do patrimônio cultural material desses veteranos, a contribuição paraense no conflito e a participação e acolhimento dos mesmos na sociedade belenense do pós-guerra.

Ainda que houvesse essa separação, o patrimônio referente a essa identidade da FEB teve sua materialidade disseminada de várias formas, para além dos núcleos associativos, elementos que além de lembrar sobre a participação dessas pessoas no conflito, apresentam memórias afetivas sobre seus antepassados, passando as gerações posteriores, como discutido por Viviane Caliskevstz e Leonel Monastirsky (2017):

Dessa forma os feitos e sentimentos da história da FEB materializaram-se na forma de um conjunto cultural representado por um sistema de linguagem: discursos, ritos, imagens, textos,

monumentos, espaços de memória e objetos, construídos (num determinado tempo) e transferidos (pelo tempo/espaço, por várias gerações) num processo de troca, aos demais membros da sociedade, que tomaram a decisão de adotá-los em maior ou menor escala, mas nunca negando-os, pois somente no processo de aceitação e troca é que os indivíduos conseguem ler, decodificar e interpretar os signos, adotando-os através de seu sentir, como pertencentes a eles. Todo o conjunto cultural da FEB representa as ideias, sentimentos e conceitos de nacionalismo, construído e implantado no cenário social brasileiro. (Caliskevstz & Monastirsky, 2017. p.137-138).

Sobre aos grupos sociais que desapareceram e a manutenção da sua memória, Maurice Halbwachs (1968), aborda na sua obra sobre Memória coletiva, que apesar dos constantes ciclos de mudança entre os grupos identitários e a sociedade em geral, os traços específicos seguem de maneira direta e indireta, no qual dependendo do seu nível de interação, seus rastros e sua memória permitem analisar os impactos ou o isolamento desse grupo social, de maneira a compreender a sua importância no tempo, e as possibilidades de preservação de seu patrimônio (1968, p. 127-128).

Outra questão discutida pela importância do patrimônio cultural desses grupos e de uma memória individual e coletiva é chamada de “durações coletivas”, abordando a multiplicidade das interações que cada indivíduo apresenta, deslocando-se no tempo e no espaço, de forma que apesar da memória coletivas apresentar determinados padrões comuns aos seus membros, as individualidades emergem como vários pontos sobre suas vivências, situações problemáticas ou impactantes, diversificando o mosaico de versões no qual a memória coletiva é composta (Halbwachs, 1968, p. 128 - 130).

Com a limitação da quantidade de fontes e acervos documentais em Belém e no Pará como um todo, o acervo da AECB-PA toma ainda mais importância para a sociedade devido às informações concentradas sobre esse grupo social em específico, permitindo que historiadores, cronistas, jornalistas e outros pesquisadores de variadas áreas possam estudar através do patrimônio cultural material desses veteranos, a contribuição

paraense no conflito e a participação e acolhimento dos mesmos na sociedade belenense do pós guerra.

Discutindo o papel do patrimônio como mostra da relação entre grupo social e sociedade em geral, o autor José Reginaldo Santos Gonçalves (2003), aborda a importância do patrimônio discutindo o conceito de patrimônio em diferentes culturas. Segundo o mesmo, o conjunto patrimonial carrega de maneira individual ou coletiva, significados mágicos, históricos e sociais, servindo até como uma extensão moral de seus proprietários, mostrando o pertencimento às variadas totalidades sociais de cada indivíduo (2003, p. 27).

Uma obra importante para discutir a cultura material e a necessidade da preservação do patrimônio ligado à participação brasileira no conflito, é a Museóloga Andrea Fernandes Considera (2019), que aborda os conceitos e as necessidades para a construção de um inventário do patrimônio da FEB. O objetivo do inventário era a construção de um acervo para ser musealizado, e contar a atuação nacional no conflito, pesquisando com familiares de veteranos, acervos de colecionadores e de associações de veteranos, discutindo os segmentos no qual os objetos enquadram dentro do patrimônio e das relações sociais desses veteranos de guerra. (Considera, 2019, p. 31-32)

No artigo, a autora informa que conseguiu uma quantidade considerável de elementos de cultura material dos veteranos de guerra, os qualificando da seguinte maneira: os acervos guardados, expostos, usados, vendidos e musealizados. Os três primeiros segmentos citados estão relacionados à preservação desses materiais por familiares e amigos do círculo íntimo do protagonista em estudo, no qual apresentam para muito além dos objetos, apresentando os contextos, as situações enfrentadas pelos veteranos e as situações presenciadas de quase morte ou de perda de amigos e conhecidos. A diferença entre estes é a forma no qual esse acervo foi mantido, sendo guardadas em armários ou espaços ocultos, ou com a representação material do seu cumprimento de serviços ao Brasil como elemento de destaque em expositores, e dos objetos sendo incluídos na rotina familiar através de construções afetivas, como lembranças e brinquedos aos mais novos, mantendo uma memória individual para as gerações posteriores. (Considera, 2019, p. 33)

Após essa diferenciação, os objetos tomam determinada importância por parte dos familiares, no trabalho memorialístico de Isalete Leal (2020), uma passagem sobre a Batalha de Montese, ela conta sobre um estilhaço que quase atingiu o seu pai (cabo Francisco Leal) em meio às explosões de artilharia, apresentando os elementos materiais, o contexto da participação na batalha e nos momentos de perigo e tensão durante o conflito (Leal, 2020).

Os dois últimos segmentos, registram objetos cuja procedência é de fora do âmbito familiar, sendo geralmente adquiridos por colecionadores e entusiastas que compraram de veteranos em dificuldade financeira ou de familiares de veteranos falecidos. Somado a este, há o processo de musealização no qual muitos descendentes de veteranos entregaram os objetos a órgãos de memória estatal, para preservar a memória desse grupo social atuante no conflito e que carregam determinado valor de memória e de antiguidade, servindo como elemento para corroborar com a narrativa oficial (ou não) desses brasileiros em combate. (Considera, 2019, p. 33-34)

Os itens colecionados ou musealizados tornaram-se elementos despersonalizados, de maneira que o objeto deixa de ter o valor individual, não destacando as relações sociais e o contexto de sua utilização, passando a apresentar as narrativas da memória coletiva, destituindo a suas especificidades. (Considera, 2019, p. 35 - 36)

Finalizando a abordagem, a autora discute a identidade por trás dos objetos da FEB e as características necessárias para fazer o inventário sobre o tema, nos levantamentos da autora, notamos grande dificuldade dos pesquisadores em trabalhar com os acervos familiares, separando os itens entre os objetos do conflito e os materiais posteriores que acabaram sendo misturados devido o valor afetivo e histórico dos materiais (Considera, 2019).

MEMÓRIA E IDENTIDADE: OS RASTROS MATERIAIS DE UM GRUPO SOCIAL EM DESAPARECIMENTO

A identidade é um importante elemento do ser humano em seu aspecto individual e coletivo, no qual devido a características comuns, acontecimentos, formações e experiências vividas de

maneira conjunta impactam nesse pensamento. Os veteranos de guerra, tem essa identidade construída desde sua formação militar, no qual são adestrados para tomarem para si a ideia de um “espírito de corpo”, fortalecendo a lealdade e o sentimento de irmandade entre seus membros. A participação no campo de batalha e o estigma no qual passam esses sujeitos, tendo que matar outros seres humanos, acaba os aproximando ainda mais, por compreenderem que estes traumas e situações não seriam facilmente compreendidos pela sociedade que fica fortalecendo a camaradagem internamente.

Sobre o conceito de identidade, o professor Donizete Rodrigues discute seu impacto e os fatores de aproximação entre esses grupos sociais, em aspectos da individualidade:

A identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido ao grupo (CRUZ, 1993). Ou seja, ela implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural, religioso, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança entre ‘ego’ e o ‘alter’, entre ‘nós’ e os ‘outros’. A construção da identidade, seja individual ou social, não é estável e unificada - é mutável, (re) inventada, transitória e, às vezes, provisória, subjetiva; a identidade é (re)negociada e vai-se transformando, (re)construindo-se ao longo do tempo. Neste contexto, a perda de um ‘sentido de si’ estável é entendida como deslocamento ou descentração do sujeito, do Eu (Rodrigues, 2018 p. 352-353).

As associações de ex-combatentes, em seus núcleos espalhados por todo o Brasil, colaboraram de maneira direta para atuar como preservadores da memória junto às gerações brasileiras posteriores ao conflito, de forma a discutir suas datas comemorativas, colaborar com a educação e a participação esportiva dos veteranos e dos seus dependentes.

De 1946 a década de 2010, 574 veteranos de guerra filiaram-se a AECB-PA, constituindo redes de sociabilidades e uma grande teia material de elementos de ligação da associação com a sociedade, discutindo diretamente com os poderes locais e

nacionais, as suas demandas e questionamentos referentes às demandas dos veteranos².

Um elemento de relações públicas apresentados aos poderes do estado (Principalmente o legislativo), eram os memoriais dos veteranos. Esses documentos eram compostos por recortes de jornais referentes em determinado período, mostrando a situação de veteranos necessitados e em situação de miséria, demandando apoio do estado para esse grupo social³.

Além disso, os acervos de correspondência apresentavam variados projetos de lei envolvendo apoio às famílias de militares e aos veteranos de guerra, além da construção de espaços de memória em homenagem aos veteranos. Esse grande legado material deveria ser organizado de maneira a apresentar as visões individuais dos veteranos, além das decisões coletivas e de organização de classe, de forma que após o desaparecimento completo desse grupo social, seus rastros deveriam estar disponíveis aos pesquisadores referentes às temáticas correlatas.

No entanto, o que aconteceu na associação do Pará, foi o completo abandono do prédio e do seu acervo, de maneira que após a ausência de frequência dos veteranos no espaço e o subsequente trancamento do espaço com seu mobiliário e acervo documental, elemento desgastado pelo tempo e pela ação humana direta e intencional.

De acordo com os relatos de trabalhadores da região (mototaxistas), a associação foi abandonada no final de 2014, sendo trancada e em pouco tempo tendo o portão quebrado e invadido por moradores de rua expulsos da praça da leitura, e que usavam o espaço como abrigo e os documentos históricos para se aquecer e para fazer as necessidades fisiológicas.

Os documentos estavam organizados em gavetas grandes de metal, elementos ainda encontrados na primeira visita (em menor número e sem documentos), de maneira que os papéis administrativos e de comprovação dos veteranos eram

² Lista de membros geral da AECB-PA, Arquivo da Associação de Ex-combatentes do Brasil, seção Pará. Belém, sem data. Caixa 01, fundo de documentos internos, páginas. 1-7.

³ Hemeroteca da AECB-PA, Arquivo da Associação de Ex-combatentes do Brasil, Caixa 02, 1945-2006.

comumente encontrados no chão, além dos rastros de saque a associação (Retratos destruídos, placas arrancadas, livros, pastas, fotos originais e papéis avulsos), apresentados em maior detalhe abaixo:

Imagens 01, 02 e 03 (em sentido horário): Fotos do interior da AECB-PA antes do abandono (2010)



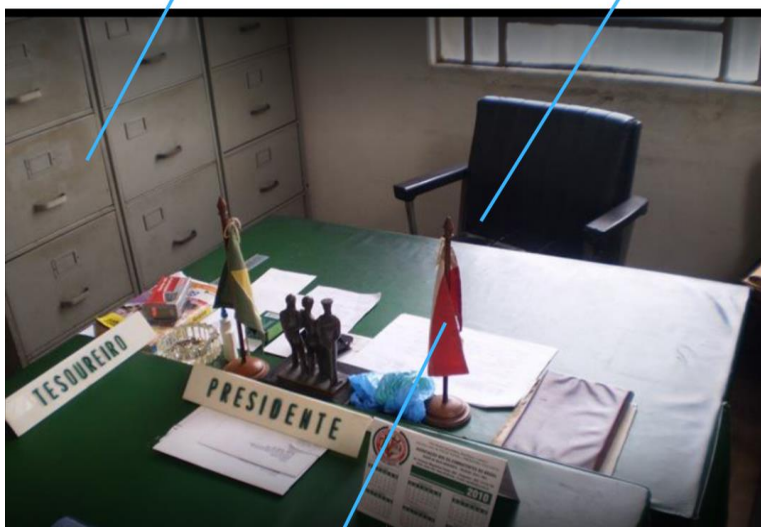
Estantes e Biblioteca da AECB-PA Cadeiras estofadas (Local de Reunião de Veteranos)



Cadeiras de Plástico (Usadas nas reuniões)

Gavetões metálicos com os documentos da AECB-PA

Cadeira estofada



Bandeiras e Flâmulas

Fonte: Trilhas Turismo Trekking, disponível em:
https://youtube.com/@viajanteincomumtrekking?si=1vf_Mgo2LjpffxMi.

Além desses elementos de destruição, foram encontrados nos documentos, no piso e nas paredes inúmeros rastros de contaminação por fezes humanas, encontrando principalmente nas paredes, de maneira que o material foi usado para escrever (Nomes, mapas, elementos aleatórios, entre outras coisas), de maneira que ao entrar no salão era notório o mau cheiro no espaço, impedindo a utilização do espaço e sua limpeza em definitivo.

Com o apoio do Sindicato dos Marítimos à associação de ex-combatentes, foi iniciado o processo de descontaminação das paredes e do piso, de maneira a possibilitar a sua conservação e a utilização do Prédio para as atividades associativas e de preservação da memória. Após esse tratamento da estrutura predial, foi realizado o levantamento dos itens restantes no espaço, constatando os seguintes elementos estruturais (além dos documentos já listados objetos de estudo deste trabalho).

Tabela 01: Levantamento dos materiais encontrados em fotos anteriores e não encontrados ou danificados durante o início da pesquisa

Item ou Elemento material	Encontrado ou Não	Quantidade e diagnóstico
Placas de Acrílico com os nomes de batalhas da FEB (Espaço Interno)	Não encontrados	Elementos quebrados ou saqueados durante o abandono
Retratos e Placas da associação	Não encontrados	Elementos quebrados ou saqueados durante o abandono
Estantes da Biblioteca	Encontrado Parcialmente	Encontrada apenas uma estante de madeira parcialmente quebrada (Proporção 1,60 x 1,0m)
Gavetões Porta documentos	Encontrado, depois desaparecido.	Elemento encontrado parcialmente no início das visitas, após a segunda visita, todos haviam sumido.
Mesas e Cadeiras (Madeira e Plástico)	Não encontrados	Elementos quebrados ou saqueados durante o abandono

Arranjos e Decorações	Não encontrados	Elementos quebrados ou saqueados durante o abandono
Cadeiras Estofadas	Não encontrados	Elementos destruídos ou saqueados durante o abandono
Bandeiras e Elementos de tecido (Uniformes, Flâmulas, Fitas, etc.)	Não encontrados	Elementos rasgados ou saqueados durante o abandono
Fachada em Acrílico (Placas Externas)	Encontrado parcialmente	Devido à falta de manutenção, parte da placa caiu durante o período de abandono, sendo retirada a parte restante e organizada uma substituta para manter a identidade visual da associação.

AS DIFERENTES GRAFIAS E ELEMENTOS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO ENCADERNADO DA ASSOCIAÇÃO

Um segmento documental que faz parte dos objetos da pesquisa são os *livros de atas*, envolvendo os seguintes temas e período histórico: Livro de Ata de Fundação (1946 – 1952); Livro de ata da diretoria da AECB – PA (1961 – 1975) e o livro de ata da Assembleia Geral da AECB – PA (1975 – 2004). E esses livros mostram diferentes elementos para sua produção (diferentes tipos de caneta, tintas e meios de encadernar), somado a diferente exposição aos agentes de degradação (Água, Madeira molhada, agentes infectantes e fezes humanas, etc.)

Ainda que sejam pouco numerosos, seu conteúdo é extremamente importante devido ao valor histórico desses itens, um dos livros citados é a produção mais antiga do grupo social expedicionário no Pará, apresentando o documento de fundação da AECB em 08 de maio de 1946.

As atas associativas apresentam algumas características específicas, que as distinguem da documentação oficial padrão institucional, de maneira que sua versão original é construída de maneira manuscrita, e que dependendo do período e do local em que foi produzido, necessita-se da ação de um profissional em

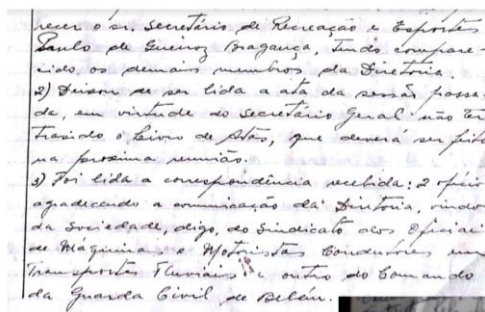
paleografia, de maneira a melhor compreender as diferentes escritas e padrões manuscritos da letra da língua portuguesa.

Como a documentação da AECB-PA foi produzida entre 1946 e 2004, não se faz necessário a consulta a um paleógrafo, de maneira que os padrões gráficos são facilmente compreendidos pelos historiadores e pesquisadores do tema. Outra característica em comum com todos os livros é que seu conteúdo é apenas manuscrito, em toda sua extensão, apresentando pequenas exceções em carimbos feitos em firma para comprovação de publicação de ata autenticada em cartório.

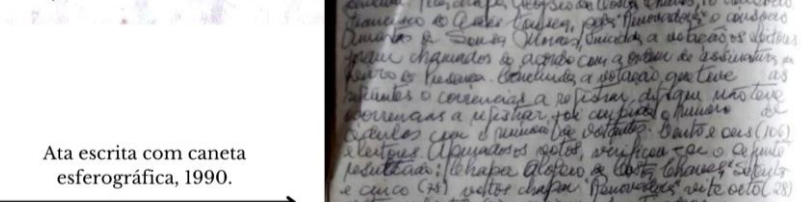
As primeiras atas, produzidas com canetas tinteiro, apresentam organização mais espaçada entre as palavras permitindo uma escrita mais tranquila de ser analisada, mas que carece de atenção devido ao documento ser antigo, não podendo ser manipulado com frequência.

A partir da utilização das canetas esferográficas, tem-se uma grande preocupação em aproveitar o espaço, organizando o conteúdo e compilando de maneira direta e numerosa, de acordo com o objetivo do documento (Registrar informações eleitorais internas, entradas e saídas de documentos, entre outros pontos).

Fotos 04 e 05 (cima para baixo): Livros de Atas de Diretoria e de Assembleia Geral (respectivamente) apresentando as diferentes caligrafias e instrumentos do acervo manuscrito da AECB-PA.



Ata produzida com caneta tinteiro, década de 1950.



Ata escrita com caneta esferográfica, 1990.

Fotos por: Lucas Carnevale Machado.

O MANUSEIO FÍSICO DO OBJETO E A DIGITALIZAÇÃO DO CONTEÚDO

Há alguns fatores de praxe no trato de documentos antigos, como o aparecimento de fungos, oxidação de grampos e de presilhas de metal, somados as fezes de animais, traças e manchas de tinta e de água; que acabam prejudicando a qualidade do documento e a manutenção de suas informações.

Carla Regina e Pedro Knauss (2009), abordam os usos do passado na digitalização dos documentos históricos, organizando-os de maneira a facilitar o acesso para pesquisadores e evitar a deterioração do documento, de maneira que:

A digitalização tem por finalidade possibilitar que o órgão produtor ou aquele que tem a custódia da documentação disponibilize seu acervo à consulta, sem necessidade do manuseio dos originais. Os documentos submetidos ao processo de digitalização são armazenados em suportes magnéticos e ópticos, e a pesquisa é feita por meio de terminais de computadores. A facilidade de acesso – “a possibilidade de consulta a documentos e informações” – permite que um determinado documento seja utilizado de maneira rápida e eficiente, sem qualquer preocupação quanto a sua integridade física. A reprodução digital de documentos se instala, assim, no campo da conservação de documentos, ao mesmo tempo em que renova a consulta e o acesso à informação. Desse modo, a tecnologia desafia campos tradicionais do pensamento arquivístico e reconceitua os campos do acesso e da conservação de documentos (Freitas & Knauss, 2009, p.7).

Após estudar os livros de atas, foi organizada uma abordagem de digitalização, de maneira a ter acesso aos conteúdos para a pesquisa sem danificar o documento original, situação descrita em abordagem do Dr. Salvador Munoz Vinas, que em um dos tópicos de sua obra: *Contemporary theory of conservation*, em um dos seus capítulos iniciais, trabalha com a conservação de itens originais aliando as tecnologias de digitalização e de armazenamento com o objetivo de evitar possíveis danos ao documento com sua constante manipulação.

Por exemplo, a digitalização dos documentos em um arquivo permite que os historiadores os estudem sem nem mesmo tocar nos manuscritos originais, que são mantidos com segurança em seus repositórios. (...) essa forma de preservação está atualmente fortemente ligada à fotografia e às novas tecnologias digitais, mas também inclui processos mais tradicionais, como a substituição de valiosas esculturas originais ou mesmo a cópia manual de documentos valiosos. (Munoz Vinas, 2012, pp. 23-24).

Somado aos estudos de base conservativa prática, faz-se necessário uma abordagem bastante aprofundada sobre o valor histórico dos documentos, nos quais vários fatores podem mostrar de que maneira a análise do valor de antiguidade pode ser feito. Os estilos de escrita, o uso de diferentes estilos de papel, dados econômicos mostram a evolução da produção documental, de maneira a entender que aquele documento teve uma utilidade, e que devido ao seu valor histórico, a fonte serviu como uma mostra do passado. Para explicar melhor esta situação, Alois Riegl aborda essa valorização do valor de antiguidade de maneira que:

O valor histórico é evidentemente o mais abrangente e, portanto, deverá ser tratado em primeiro lugar. (...) de acordo com os conceitos mais modernos, acrescentamos a isso a ideia mais ampla de que aquilo que foi não poderá voltar a ser nunca mais. (...) mesmo um documento escrito banal, como um pedaço de papel contendo uma nota sem importância contém ao lado seu valor histórico referente a evolução do papel, da escrita, etc. (Riegl, 2013, pp. 32- 33).

Um ponto importante para proceder com o processo de digitalização de qualquer documento, é a seleção de um aplicativo de escaneamento, com o objetivo de organizar as informações em maior qualidade possível. No caso da associação de ex-combatentes, o aplicativo utilizado foi o CamScanner, de origem chinesa. Sua configuração permite a digitalização e a limpeza da imagem, retirando as imperfeições causadas pela deterioração do papel.

Conforme o CONARQ (2010) a captura digital da imagem deve ser realizada com o objetivo de garantir o máximo de fidelidade entre o representante digital gerado e o documento original, levando em consideração as características físicas, estado de conservação e finalidade de uso do representante digital. Recomenda-se a digitalização das capas, contracapas e envoltórios, bem como de páginas sem impressão (frente e verso) especialmente quando houver sinalização gráfica de numeração e outras informações. Através do processo de captura digital dos documentos arquivísticos para conversão em imagem, devem ser observados parâmetros que possam significar riscos ao documento original, desde as condições de manuseio, a definição dos equipamentos de captura, o tipo de iluminação, o estado de conservação até o valor intrínseco do documento original (Rocha, 2019, p. 33-34).

Esse elemento, infelizmente, não permite uma análise da situação documental referente a sua deterioração, não aparecendo os esporos, nem as manchas biológicas, que deixam as folhas em tons esverdeados. Os únicos danos que são notados por essa tecnologia, são os que ocorrem devido a presença de água ou umidade, que dispersam a tinta no papel, ou desconfiguram sua capacidade de preservar o conteúdo.

Importante frisar, que os elementos digitalizados no qual a pesquisa está interligada foram realizados de maneira emergencial, pois temia-se a perda permanente das informações documentais, devido à incerteza da manutenção da AECB-PA e a possibilidade de novas invasões ao espaço e a subsequente destruição do acervo. Com a diminuição deste risco, está em andamento um trabalho mais específico de digitalização e análise dessa documentação, preservando seus traços e informações necessárias para a compreensão do tema.

Além da água, madeira, fezes humanas, também são elementos notados nessa digitalização, de maneira insuficiente. Cabe uma análise dessa documentação com a utilização de outros recursos, como uso de luz ultravioleta (para investigar a presença de esporos ou fungos no documento), e uma Câmera digital, de maneira a captar de maneira mais detalhada as imperfeições físicas do documento.

Com o objetivo de melhor preservar o documento, cabe sua digitalização completa e prosseguir os estudos de maneira preservar essa produção física e mantê-la disponível como recurso de pesquisa (ainda que restrito):

Complementarmente, o processo de digitalização depende necessariamente da boa preservação de documentos, para garantir a boa qualidade da imagem a ser captada, promovendo um novo motivo para a articulação entre as etapas da descrição de conteúdo, da preservação e da consulta aos documentos. Além disso, os usos de documentos se diversificam, sendo necessário estabelecer os parâmetros de qualidade da imagem a ser popularizada sem afetar o (des)controle de sua circulação. Pode-se afirmar, então, que a digitalização de documentos revela um grande potencial para mobilizar os campos tradicionais da arquivística e contribuir, assim, para reforçar o trabalho de arquivo em bases renovadas pelo avanço das tecnologias (Freitas & Knauss, 2009, p.10-11).

Como a associação apresentou-se desde sua fundação como um espaço de memória dos veteranos de guerra, cabe após esse processo de abandono, retomar essa função ante a sociedade paraense. Sua construção foi realizada pelos próprios veteranos no pós-guerra, marcando a região e permanecendo como uma estrutura com poucas alterações.

Fotos 06 e 07 (de cima para baixo): aspectos da sede associativa no processo de construção do prédio e no período da pesquisa (2023).



Aspecto da construção da sede da AECB-PA, belém 1946. Foto: Acervo da associação.



Imagem da Associação após o período de abandono e revitalização, Belém, 2022. Foto: do autor.



Fonte: Acervo da associação (cima); e foto por Lucas Carnevale Machado (baixo).

Seu espaço permitiu a realização de constantes redes de sociabilidade entre os veteranos de maneira interna, com reuniões, discussões, eventos alusivos a datas do conflito, além do contato com grupos sociais externos, mas interligados de alguma maneira com os veteranos, tal como o dos seus familiares, e geograficamente, com a disponibilidade de cursos e aperfeiçoamento para pessoas do bairro e imediações.

RESULTADOS DA PESQUISA E CONCLUSÃO

Para efeito de conclusão deste trabalho, apresentamos as seguintes discussões referentes ao processo de construção do patrimônio, tal como o posterior abandono e as diferentes problemáticas decorrentes da ausência de apoio externo e do isolamento social pós pandemia do *Sars CoV-2*.

O trabalho buscou apresentar o desenvolvimento das associações de ex-combatentes como locais de salvaguarda do patrimônio individual e coletivo dos veteranos de guerra, de maneira individual e coletiva, contendo documentos que mostram a trajetória nas forças armadas e as dinâmicas individuais. Além disso, os documentos oficiais associativos e as atas de reunião, permitem uma dupla possibilidade de abordagem dos rastros desses veteranos.

Essa dupla abordagem sofreu um grande baque devido ao processo de abandono da instituição, entre 2014 e 2017, no qual a grande maioria da documentação foi extraviada, danificada e contaminada intencionalmente ou não, permitindo a análise e a conservação preventiva dos poucos rastros que permaneceram na AECB-PA.

Como instrumento de controle e abordagem sobre o acervo e o mobiliário perdido nos anos de abandono, foram anotados os elementos encontrados nas fotografias no início da década de 2010, e analisando com o que foi encontrado em 2017, anotando as perdas e os saques realizados nesse período.

Na parte final do texto, o enfoque da pesquisa é direcionado ao acervo documental manuscrito da associação, que de maneira emergencial e com o objetivo de preservar o conteúdo

para as futuras pesquisas, foi digitalizado com uso de *scanners* de celular. Esse tipo de digitalização, infelizmente não permite a análise de condições documentais, impedindo a visão dos esporos de fungos, as ausências de conteúdo, somadas aos diversos fatores de danificação química, intemperica e humana.

Sobre a organização predial da AECB-PA, o espaço deve ser ocupado de maneira a apresentar a visão histórica da participação de paraenses na II Guerra Mundial, de maneira a reconstruir seu acervo material e documental, apresentando os signos e os símbolos que trazem à memória desse grupo social em desaparecimento.

Para conseguir isso, devem ser usados os artifícios citados por Andrea Considera, (2015), de maneira a aproximar os interessados no tema, além de filhos e parentes de veteranos de maneira a contribuir com itens de valor histórico para essa memória: fotografias, diplomas, medalhas, uniformes, etc.

Com a reconstrução deste espaço através dos interessados no tema, além das redes sociais interligadas, a associação deve se consolidar como um espaço de memória dedicado a Força Expedicionária Brasileira, cuja memória e os espaços históricos da região concentram-se apenas em espaços militares, limitando o acesso de civis para poucos conhecedores e interessados no tema.

Quanto aos acervos documentais, cabe inicialmente a organização em fundos e caixas, somada a organização de um espaço para sua conservação dentro da AECB-PA, de modo a obter controle de umidade e temperatura, evitando ao máximo a deterioração desses documentos.

Este trabalho é apenas um dos fragmentos que abordam as diferentes possibilidades de pesquisa no acervo da associação de ex-combatentes do Pará, tendo em vista o processo de desaparecimento deste grupo social, e necessidade de se estabelecer diferentes destinações para a documentação histórica e administrativa dessas instituições, evitando outros processos de abandono e a perda de informações sobre esse pequeno segmento da sociedade que contribuiu diretamente no combate ao nazifascismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALISKEVSTZ, Viviane Regina; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. O patrimônio cultural da Força Expedicionária Brasileira e sua representação em diferentes espaços de memória no Brasil. **Terr@ Plural**, v. 11, n. 1, p. 122-140, 2017.

CONSIDERA, Andrea Fernandes. Uma proposta de inventário do acervo da Força Expedicionária Brasileira (FEB). **INFORMAÇÃO E SOCIEDADE**, p. 29, 2019.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. EDUEL, 2013.

FREITAS, Carla Regina; KNAUSS, Paulo. Usos eletrônicos do passado: digitalização de documentos e política de arquivos. **Patrimônio e Memória**, v. 4, n. 2, p. 3-16, 2007.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. 2012.

HALBWACHS, M; **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEAL, Isaete. **Histórias de um Pracinha da Segunda Guerra Mundial: Memórias de meu pai**. Volta Redonda, 2012.

Livro de **Atas da Associação de ex-combatentes do Brasil**, (Ata de fundação 1946 – 1953), fls 2-5, Belém, 8 de maio de 1946.

Livro de **Atas da Associação de ex-combatentes do Brasil**, (Ata de diretoria 1961 – 1974), Belém, 1959.

Livro de **Atas da Associação de ex-combatentes do Brasil**, (Ata de Assembléia Geral da AECB – PA 1975 – 2004), Belém, 1974.

MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. **Contemporary theory of conservation**. Routledge, 2012.

ROCHA, Patrícia Gonçalves Dias. **Digitalização de documentos: recuperação e preservação da informação**. 2019.

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. **Letras escreve**, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2018.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. *Letras*, n. 22, p. 79-95, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, Hilton P. **Por terra, céu e mar: histórias e memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia**. Belém, editora Pakatatu, 2013.

THOMSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. *História oral*, v. 4, 2001.

Recebido em: 19/11/2022
Aprovado em: 01/09/2024